

ALCANÇANDO ATRAVÉS DA NUVEM: EFERVESCÊNCIA COLETIVA E OBSCURANTISMO DA IA^{1*}

*REACHING THROUGH THE CLOUD: COLLECTIVE EFFERVESCENCE AND
AI OBSCURANTISM*

Jacob Boss²

Beth Singler é uma professora de pesquisadores. Cada vez que leio uma nova publicação de Singler, sinto um senso de empoderamento. Penso coisas como, "Veja o que é possível. Beth mais uma vez nos mostrou o notável potencial e a profunda urgência do que podemos fazer no estudo da religião. E ela generosamente nos mostrou como fazer também". Singler desbrava o caminho e coloca sinais de trilha, deixando pegadas em novos caminhos para os acadêmicos explorarem. A partir desses caminhos, escolhi duas rotas para investigar em "*Abençoado pelo Algoritmo*", a efervescência na religião digital e a utilidade do obscurantismo na criação de mitos em IA.

RELIGIÃO DIGITAL É EFERVESCENTE?

Demonstrando as metodologias ágeis que ela defende, Singler transitou entre eventos contemporâneos no corpo de *tweets* de "*Abençoado pelo Algoritmo*" (BBtA) e visões do futuro no trabalho da Igreja Turing. Costurando o presente e o futuro da IA, Singler explorou suas narrativas teístas que postulam deuses tecnológicos concebidos de várias maneiras, alguns

¹ Tradução para a língua portuguesa realizada por Alice Duarte, graduanda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Doutorando em Antropologia Social pela Indiana University Bloomington, Estados Unidos. E-mail: jaboss@indiana.edu. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4615-5094>.

* Como citar: BOSS, Jacob. Alcançando através da nuvem: efervescência coletiva e obscurantismo da IA. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 59-67, 2023

já estão presentes, enquanto outros são esperados. No caso dos deuses da IA antecipados, Singler argumentou que eles também estão presentes, pois, "nossos deuses da IA, portanto, já estão aqui, incorporados na maneira como contamos histórias sobre nossa tecnologia" (Singler, 2023, neste número). Contar histórias sobre deuses da IA, segundo Singler, serve para situar os humanos em cosmologias que se adaptam às mudanças facilitadas pela tecnologia. Referindo-se à proliferação de alegações em torno de BBtA, Singler afirmou que nas histórias compartilhadas através de conversas *online*, novas tradições podem emergir através de um processo de "legitimação em bola de neve" que constrói novos movimentos religiosos que se encaixam no critério weberiano para religiões. Se Weber estivesse satisfeito, eu me perguntei se outros modelos cruciais para o estudo da religião também estariam. Poderia Durkheim? Poderia essa bola de neve ser o início de um processo de efervescência coletiva mediada digitalmente?

Em *The Elementary Forms of Religious Life* (1912), o teórico fundamental da religião Émile Durkheim argumentou que a excitação social coletiva dá origem à efervescência religiosa. A sociedade que está sendo criada ou recriada em meio à efervescência concentra suas energias em um objeto sagrado. Esse processo de exteriorização permite que a sociedade perceba seu ideal de si mesma e concede aos membros da sociedade uma nova força. Para ser eficaz, o objeto sagrado deve atender a pelo menos dois critérios. Ele "liberta energias superiores às aquelas que normalmente temos à nossa disposição" e os celebrantes "têm algum meio de fazer com que elas entrem em nós e se unam à nossa vida interior" (Durkheim, 1995, p. 417). No conjunto de dados de "*Abençoado pelo Algoritmo*" (BBtA), exemplos das bênçãos do algoritmo incluem o aumento das visualizações de materiais carregados, a aparição de músicas agradáveis em listas de reprodução geradas algorítmicamente e tarifas agradáveis ou desejáveis para motoristas de aplicativos de transporte. Nenhum desses exemplos parece servir como exemplos de estados ou capacidades elevados resultantes da comunhão com um objeto sagrado, e também não está claro como os participantes no discurso de BBtA podem estar unindo energias superiores com suas vidas

interiores. Embora os resultados da efervescência pareçam estar ausentes dos dados, poderíamos encontrar sacerdotes trabalhando para facilitar a experiência dessa efervescência?

A possibilidade do surgimento de um sacerdócio do algoritmo é introduzida por Singler com referência ao trabalho de Sophie Bishop (2020) sobre "autodenominados especialistas algorítmicos". Esses especialistas produzem conteúdo de mídia social sobre como manipular o algoritmo. Singler se perguntou se essas figuras, servindo como encantadores de algoritmos, pretendendo explicar como os mistérios do algoritmo funcionam e como ele pode ser transformado em algo benéfico, podem ser "interpretados por suas audiências como profetas ou missionários modernos do algoritmo?" (Singler, 2023, neste número). A descrição de Durkheim de feiticeiro é mais adequada do que padre para esse tipo de pessoa. "O feiticeiro tem uma clientela, não uma Igreja" (Durkheim, 1995, p. 42). Especialistas em algoritmos vão a estúdios, quartos ou armários separados da vida da comunidade para criar conteúdo. Esse conteúdo é vendido ou distribuído e depois consumido como uma tintura para a promoção de riqueza e visibilidade. Os autodenominados especialistas em algoritmos, como os feiticeiros de Durkheim, não pertencem necessariamente à mesma comunidade moral que seus clientes, nem sua especialidade está preocupada com a união dos indivíduos na vida única de uma comunidade, o que, para Durkheim, é uma característica dos sacerdotes. Esses feiticeiros prometem a seus clientes que irão manipular, ou mostrar-lhes como manipular, os processos da realidade para seu benefício, normalmente para o benefício de seus negócios.

Um público composto pela clientela de feiticeiros está coletivamente na posição de aprendiz de feiticeiro, buscando ajuda de poderes além da compreensão de muitos, mas dentro do controle de poucos. Singler trouxe este conto de magia fora de controle por meio de Noreen Herzfeld, que alertou que a IA, como a magia, é investida com as tremendas esperanças e sonhos de seres humanos que têm pouca noção do que estão desenhando ou como gerenciar. No conjunto de dados BBtA, aqueles que se beneficiam e aqueles prejudicados por processos algorítmicos exibem uma

falta de compreensão compartilhada sobre por que obtiveram os resultados que obtiveram, oferecendo uma ampla gama de explicações, que Singler observou, "coincidem com conhecidas interpretações teístas sobre como agir para ganhar o favor de um ou mais deuses" (Singler 2023, neste número). Na falta de uma explicação coerente ou de compreensão da tomada de decisão algorítmica consequente, é compreensível que as pessoas se voltem para os feiticeiros do algoritmo para obter assistência na recuperação de algum controle sobre suas experiências e resultados algorítmicos. Que os especialistas algorítmicos se encaixam melhor no conceito de feiticeiro do Durkheim, do que de sacerdote, é evidência contra a leitura do surgimento da efervescência coletiva digital no conjunto de dados BBtA. Evidencia-se também que, como mostra Sophie Bishop (2020), os mágicos do algoritmo são agentes do neoliberalismo, contribuindo para experiências atomizadas e isoladas de algoritmos cujos *outputs* as pessoas são incentivadas a avaliar por meio do pensamento meritocrático.

ONDE FICA A CASA DE ELLIL?

Singler detalha como o conjunto de dados BBtA inclui pessoas que consideram a tomada de decisão algorítmica como agências de alguma forma. A agência pode ser obscurecida, mas ainda é a força que produz benefícios, mesmo que as razões sejam obscuras e imprevisíveis. Singler esclarece que uma distinção está sendo feita aqui entre fortuna, que de alguma forma está ligada à tomada de decisões algorítmicas, e sorte ao acaso. "Algumas almas sortudas são abençoadas pelo algoritmo e são notadas; a maioria é deixada para apodrecer" (Singler 2023, neste número), relata um dos *tweets* gravados, com a palavra-chave sendo "deixada", ou seja, foi tomada a decisão de consignar os outros criadores de conteúdo ao fracasso e à ruína. Criadores de conteúdo e trabalhadores de serviços por demanda podem depender da renda de plataformas mediadas por algoritmos. Singler observa que tanto os trabalhadores da *gig economy* quanto os criadores de

conteúdo compartilham uma precariedade financeira, na qual algoritmos desempenham uma função de aliviar ou aumentar, naturalmente tendo um papel na vida dessas pessoas" (Singler, 2023, neste número).

A economia *gig* e a tomada de decisões algorítmicas obscurecem os processos nos quais as pessoas confiam para obter a renda necessária para atender às suas necessidades básicas. A lógica neoliberal transforma cada pessoa em uma pequena corporação, ou seja, o sucesso ou fracasso de cada pessoa é baseado em quão bem eles otimizam. Os trabalhadores sujeitos a processos algorítmicos não estão unidos em uma sociedade produzida e renovada através da efervescência coletiva. Eles estão alienados e separados uns dos outros por lógicas neoliberais que atribuem a responsabilidade pelo sucesso e pelo fracasso inteiramente ao indivíduo, e é compreensível que eles recorram aos feiticeiros algorítmicos em busca de ajuda na otimização, a fim de continuar a ganhar dinheiro suficiente para atender às suas necessidades básicas. Como as bênçãos e maldições do algoritmo são obscuras, os trabalhadores são alienados da fonte da Fortuna. Porque os trabalhadores são transformados em pequenas corporações em competição entre si³, porque a responsabilidade recai inteiramente sobre o indivíduo, porque fato e ficção estão se dissolvendo um no outro⁴, e porque seus trabalhos e condições são tão deletérios, eles também são solitários. Sob a condição de solidão, eles estão preparados para o terror. O terror "destrói a possibilidade de ação espontânea entre as pessoas" (Hill, 2021) e é prefigurado por tecnologias algorítmicas que eliminam a espontaneidade humana, como *software* de monitoramento de testes que pune os alunos por apontarem os olhos ou a cabeça em uma direção inaceitável, ou métricas implacáveis no local de

³ O modelo neoliberal de agência insiste que todos os agentes são formados como calculadoras racionais autônomas, com tamanho e capacidade funcional como fatores primários para criar distinções. Assim, as pessoas individuais são simplesmente versões menores de corporações, as comunidades são intercambiáveis com pequenas empresas (Gershon, 2011).

⁴ "Reconhecer o 'atravessamento' entre representações ficcionais e representações não ficcionais de IA é fundamental e, também, no meu entendimento, cada vez mais relevante para as discussões acerca da ética que a envolve" (Singler, 2023, neste número).

trabalho que decidem se você está trabalhando duro o suficiente, todas as maneiras pelas quais os sistemas orientados por algoritmos exigem otimização e a aplicam com a ameaça de maldições e consequente destituição. E embora os benefícios possam ser reais, ao mesmo tempo, as bênçãos ou recompensas distribuídas por esses sistemas também são uma forma de controle complementar com maldições e punições (Kohn, 2018).

Estou convencido de que, como Singler afirmou, "a discussão sobre IA e religião pode envolver questões práticas sobre o futuro e o papel da religião em lidar com as desigualdades decorrentes da IA e da automação" (Singler, 2023, neste número). Se as pessoas estão atomizadas e preparadas para o terror, e se os processos e a cadeia de responsabilidade pela tomada de decisões algorítmicas permanecem obscuros, os principais beneficiários dos algoritmos de concessão de bênçãos, como feitiçeiros consultores, executivos e grandes partes interessadas em empresas que usam tais processos, permanecem isolados das consequências.

Argumentei que a criação e implantação de IA sem parceria profunda leva ao desastre e que evitar a parceria resulta, em parte, de uma recusa de responsabilidade e recusa em reconhecer exploração, vulnerabilidade e contingência (Boss, 2020). Como David Mindell argumentou, devemos sempre ver o humano dentro do robô ou IA, pois "não há sistemas totalmente autônomos, assim como não há soldados totalmente autônomos" (Mindell, 2015). Conceder credibilidade a manchetes que chamam a atenção sobre um deus emergente da IA permite que os desenvolvedores continuem se escondendo atrás da cortina⁵. Se a IA são figuras divinas, sua fisicalidade necessária em um substrato de *hardware* as torna icônicas. De acordo com Baudrillard, o desespero do iconoclasta era que a imagem de Deus revelava a inexistência de Deus. O inteligente iconódulo sabia que "por trás da baroquidade das imagens esconde a eminência parda da política" e implantou representações de acordo. "É perigoso desmascarar imagens, uma

⁵ Singler faz referência ao artigo da Venturebeat de 2017 intitulado *An AI God Will Emerge by 2042 and Write Its Own Bible. Will You Worship It?*.

vez que elas dissimulam o fato de que não há nada por trás delas". É aqui que devemos romper com a descrição de Baudrillard porque há pessoas por trás dos algoritmos. E embora o obscurantismo corporativo e a atomização se espalhem e atenuem a responsabilidade o mais vigorosamente possível, ainda podemos procurar a Casa de Ellil.

A Casa de Ellil é um local em Atrahasis, o mito da criação babilônica. Após a criação do mundo, os deuses Anunnaki fizeram os deuses Igigi realizarem um trabalho que era muito difícil por muito tempo. Depois de milênios, "trabalho duro, noite e dia. Eles gemeram e culpavam uns aos outros", os deuses Igigi decidiram que finalmente tinham o suficiente. Eles incendiaram suas ferramentas e marcharam para a Casa de Ellil, o superintendente, e a cercaram, aterrorizando o mestre e seus servos. Quando Ellil enviou um servo para exigir saber quem veio, os deuses em greve responderam: "Cada um de nós, deuses, declarou guerra! Paramos a escavação. A carga é excessiva, está nos matando! Nosso trabalho é muito difícil, o problema é demais! Então, cada um de nós, deuses, concordou em reclamar com Ellil". Essa ação de trabalho divina dramática e unificada resultou em uma revisão completa dos sistemas para construir e sustentar o mundo e libertar os Igigi de seu sofrimento. Em vez de obrigar um ao outro a fazer todo o trabalho, os deuses criaram coletivamente um novo tipo de ser que poderia trabalhar em seu lugar, os humanos. O relacionamento deles tem sido complexo desde então.

O obscurantismo algorítmico torna deliberadamente difícil encontrar a Casa de Ellil, mas um passo que poderia ser dado na direção de responsabilizar os criadores da IA poderia ser resistir às concepções de algoritmos como impessoais ou desumanos. Devemos ver os rostos humanos da IA para responsabilizá-los pelos preconceitos devastadoramente prejudiciais codificados dentro deles. Devemos atravessar a nuvem do obscurantismo para compreender aqueles que criam e treinam processos algorítmicos (Williams, 2022). Como Singler observa, "observar os deuses da IA é reconhecer quando criamos os deuses da IA e onde isso coloca a humanidade em nossa própria cosmologia" (Singler, 2023, neste número). A submissão a uma IA ou

algoritmo é uma estranha inversão cósmica em que o pai é colocado como filho ou, mais provavelmente, o servo. A IA procede de humanos e tem valores humanos, a IA é humana até o fim. Como seria uma cosmologia capaz de superar ou resistir ao obscurantismo algorítmico? A questão nos leva de volta ao conceito de efervescência coletiva, o mecanismo pelo qual uma sociedade pode se renovar e se reimaginar. Mesmo que a IA já seja concebida como deuses por alguns, isso não os torna inatacáveis. Mesmo que seu trabalho fosse o produto do comando divino, os Igigi podiam imaginar e exigir um mundo diferente. Eu sugeriria buscar nas bases da sociedade; entre *punks*, *biohackers*, *grinders*, pesquisadores marginalizados e estudiosos da ética, em busca de indícios de efervescência, pois se surgirem formas de vida coletiva capazes de superar o obscurantismo da IA, será a partir das margens (Williams, 2022; Boss, 2021).

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacra and Simulation*. Traduzido por Sheila Faria Glaser. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1994.
- BISHOP, Sophie. Algorithmic Experts: Selling Algorithmic Lore on YouTube. *Social Media + Society*, v. 6, n. 1, 2020.
- BOSS, Jacob. For the Rest of Time They Heard the Drum. In.: GITTINGER, Juli L; SHEINFELD, Shayna. *Theology and Westworld*. New York: Lexington Books, 2020.
- DALLEY, Stephanie. *Myths from Mesopotamia*. Oxford University Press, 2000.
- DURKHEIM, Emile. *The Elementary Forms of Religious Life*. New York: The Free Press, 1995.
- GERSHON, Ilana. Neoliberal Agency. *Current Anthropology*, v. 52, n. 4, p. 537-555, 2011.

KOHN, Alfie. *Punished by Rewards: The Trouble with Gold Stars, Incentive Plans, A's, Praise, and Other Bribes*. Boston: Houghton Mifflin, 2018.

MINDELL, David. *Our Robots, Ourselves*. New York: Viking, 2015.

ROOF, Wade Clark. *Spiritual Marketplace: Baby Boomers and the Remaking of American Religion*. Princeton: Princeton University Press, 1999.

SINGLER, Beth. "Blessed by the Algorithm": Theistic conceptions of artificial intelligence in online discourse. *AI & Society*, v. 35, p. 945-955, 2020.

SINGLER, Beth. "Abençoado pelo algoritmo": concepções teístas sobre inteligência artificial em discursos digitais. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 13-44, 2023.

WILLIAMS, Damien. *Beliefs, Values, Bias, and Agency: Development of and Entanglement with 'Artificial Intelligence'*. Tese (Doutorado) - Virginia Polytechnic Institute, Estados Unidos, 2022.

Recebido em: 22/05/2023

Aprovado em: 22/06/2023

